



Variação fonético-fonológica em regiões de Minas Gerais

Phonetic-phonological variation in regions of Minas Gerais

Amanda Brilhante de Carvalho

Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU/FAPEMIG), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

amandabrilhante18@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0002-3901-0252>

Marlúcia Maria Alves

Universidade Federal de Uberlândia (PROFLETRAS/UFU), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

marlucia.alves@ufu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7896-8984>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar de modo comparativo a variação linguística fonético-fonológica de duas cidades mineiras, Juiz de Fora e Uberlândia. Considerando que a variação é um fenômeno inerente à língua e motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, acredita-se ser pertinente ter realizado este estudo para compreender melhor o funcionamento da fala nas cidades supracitadas. Partindo das pesquisas bibliográficas e de campo em ambos os municípios, a proposta foi descrever e sistematizar as variantes encontradas, separando-as pelos processos fonológicos de retroflexão em coda silábica, apócope do /R/ em verbos e síncope do /R/ na conjunção “porque”, para investigar as particularidades na fala de jovens universitários. O embasamento teórico desta pesquisa se encontra nos estudos de Fonética e Fonologia do Português (SEARA *et al.*, 2015; SILVA, 2005), Variação Linguística (TARALLO, 2005; ZÁGARI, 1998) e Processos Fonológicos (ALVES, 2008; CAGLIARI, 2002). A coleta de dados para o projeto ocorreu com a gravação de entrevistas informais com os sujeitos de pesquisa. Como resultado, encontraram-se contextos semelhantes para o apagamento do /R/ em verbos entre as duas regiões, além de semelhanças quanto à síncope de /R/ no conectivo “porque” e diferenças quanto à ocorrência da retroflexão,

sendo verificada como um padrão apenas na região de Uberlândia. Concluiu-se que, de maneira geral, os dois municípios apresentam mais semelhanças do que diferenças quanto ao comportamento do arquifonema /R/ em coda silábica.

Palavras-chave: variação linguística; processos fonológicos; português brasileiro; coda silábica; róticos.

Abstract: This article aims to analyze, in a comparative way, the phonetic-phonological linguistic variation found in two towns in Minas Gerais, Juiz de Fora and Uberlândia. Considering variation as a phenomenon inherent to language, motivated by linguistic and extralinguistic factors, this study gives a better understanding of the functioning of speech in the aforementioned towns. Based on bibliographical and field studies in both municipalities, the purpose was to describe and systematize the variants found and separate them on the basis of the retroflexing phonological processes in the syllabic coda and the /R/ apocope in verbs and the /R/ syncope in the conjunction “porque”, in order to investigate the particularities in the speech of university students. The theoretical basis of this study were found in the studies of Phonetics and Phonology of Portuguese (SEARA *et al.*, 2015; SILVA, 2005), Linguistic Variation (TARALLO, 2005; ZÁGARI, 1998) and Phonological Processes (ALVES, 2008; CAGLIARI, 2002). The data used were gathered through informal interviews done with each of the subjects individually. As a result, similar contexts were found for the deletion of the /R/ in verbs on both towns. In addition, the study reveals similarities in relation to the syncope if the same phoneme in occurrences in the connective “porque” but also differences as to its retroflexion, which was detected as a pattern only in the Uberlândia. The study shows, in conclusion, that there are more similarities than differences between the two towns with respect to the behavior of archiphoneme /R/ in coda.

Keywords: linguistic variation; phonological processes; Brazilian Portuguese; syllable coda; rhotics.

Submetido em 21 de agosto de 2020

Aceito em 19 de outubro de 2020

1 Introdução

A sociolinguística variacionista é um ramo da Linguística que vem sendo estudado desde meados do século XX, tendo como grande representante William Labov, que reconhece a importância de se estudar a influência dos aspectos sociais no uso da língua. A teoria da variação permite sistematizar as variantes da fala que, até pouco tempo, eram consideradas como parte de uma comunicação caótica e irregular.

Meillet, um dos precursores da sociolinguística, confirmou, com base em suas pesquisas no território francês, que as modificações ocorridas na estrutura da sociedade francesa acarretavam diretamente em modificações no desenvolvimento da língua. Logo, concluiu que linguagem e sociedade caminham inseparáveis ao longo da história (MEILLET, 1926, *apud* CEZARIO; VOTRE, 2013, p. 147). Ao partir para uma análise da língua em contextos reais de comunicação, é possível analisar quais variantes ocorrem na fala informal e quais são os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que favorecem a ocorrência dessas variantes, e isso pode ser feito de modo sincrônico ou diacrônico. Como apontam Cezario e Votre, “o estudo [sociolinguístico] permite verificar o grau de estabilidade de determinado fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança” (CEZARIO; VOTRE, 2013, p. 141).

A variação e a mudança são processos inerentes a qualquer língua. Em defesa dessa afirmação, Bagno publicou *Preconceito linguístico* (2015) e, logo de início, aponta o caráter variável que todas as línguas naturais possuem.

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.). (BAGNO, 2015, p. 27).

De acordo com Sá (2007, p. 49), a variação linguística pode ser ocasionada por quatro fatores: histórico (ou diacrônico), geográfico (ou espacial), social e estilístico. Esses fatores podem apresentar o que se chama de variação livre, aquela que não apresenta motivações ou contextos fonológicos. Para Cagliari (2002, p. 50), as reais motivações das variantes livres são extra-fonológicas, como a velocidade da pronúncia, o registro formal ou informal da fala, a classe socioeconômica do falante, bem como idade e sexo. Cagliari as denomina como variantes sociolinguísticas.

O tipo de variação analisada nesta pesquisa foi a variação geográfica, no nível fonético-fonológico da língua. Esse tipo de variação

é encontrado com facilidade no português brasileiro, em razão da grande quantidade de regiões, das inúmeras imigrações e da extensão territorial que o país possui, resultando em um numeroso intercâmbio cultural e linguístico. As diferenças regionais no nível fonético da língua ocorrem não apenas na pronúncia, como também no timbre, a altura e a intensidade do som, características fisiológicas da fala. A nossa hipótese é de que existe variação entre as regiões estudadas, e essa hipótese foi confirmada. Os falantes de cada cidade produzem pronúncias particulares do arquifonema /R/ no que concerne principalmente a posição de coda silábica.

No presente estudo, portanto, temos como objetivo descrever a variação geográfica entre as cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, recortando essa análise para os falares dos jovens universitários de ambas cidades. Damos enfoque para o comportamento do arquifonema /R/ em posição de coda silábica, ocorrido em verbos, nomes e conectivos. Para os verbos, analisamos como se dá o apagamento (apócope) em coda final, como é o caso de verbos no infinitivo (querer, amar), no modo subjuntivo (quiser, fizer) ou no presente do indicativo (quer). Em relação aos nomes, observamos qual(is) alofone(s) pode(m) ocorrer em coda medial ou final, em contexto intervocabular ou em fim de frase. Já nos conectivos, analisamos a ocorrência do apagamento (ou não) do /R/ em posição de coda medial, bem como a realização do tepe alveolar [r] no contexto intervocabular com início em vogal da palavra seguinte.

Este artigo está dividido nas seguintes partes: primeiro, fazemos um apanhado geral sobre a variação linguística no Estado de Minas Gerais; em seguida, explicitamos a metodologia utilizada nesta pesquisa; posteriormente, apresentamos a discussão e os resultados finais da pesquisa, no que se refere aos processos de apócope, retroflexão e síncope, todos em contexto de coda silábica para o arquifonema /R/.

2 A variação linguística em Minas Gerais

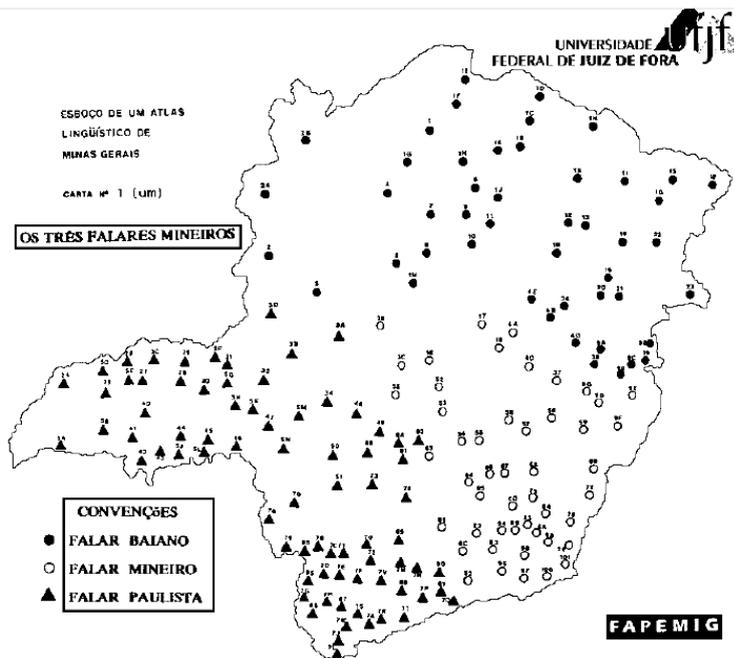
Os primeiros estudos sobre as particularidades da fala dos mineiros ocorreram com o professor Mário Roberto Zágari, organizador e um dos autores do projeto Atlas Linguístico de Minas Gerais (doravante ALEMIG) e um dos responsáveis pela criação do *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG), publicado pela primeira vez em 1977. O documento apresenta informantes de todos os sexos,

faixas etárias, níveis socioeconômicos e escolaridade, observados por pesquisadores em 184 pontos do Estado de Minas Gerais, resultando em diversos trabalhos sociolinguísticos posteriores para o ALEMIG no fim da década de 1990.

De acordo com a primeira edição do EALMG, Minas Gerais é subdividida em três zonas dialetais: o falar *baiano*, que contempla cidades como Mantena, Galileia, Governador Valadares e Paracatu; o falar *paulista*, representado pelas cidades do Triângulo Mineiro (ex: Uberlândia e Araguari) e parte do sul de Minas, aproximadamente na cidade de Passa Vinte; e o falar *mineiro*, que contempla a região da Zona da Mata, em cidades como Juiz de Fora e Viçosa. (MARTINS, 2006, p. 3-4).

O EALMG apresenta um mapa dialetológico com os três falares mineiros, separando-os de acordo com os pontos em que foram encontrados durante as três décadas de pesquisa, a ser reproduzido na imagem 1.

IMAGEM 1 – Mapa dialetológico dos falares de Minas Gerais, conforme EALMG



Fonte: Zágari (1998, p. 64).

Segundo Martins (2006, p. 4) – um dos pesquisadores mais recentes do ALEMIG –, a capital Belo Horizonte não se enquadra em nenhuma dessas zonas dialetais, em razão de ter recebido inúmeros migrantes de outras regiões do Estado, na primeira metade do século XX. De todo modo, neste artigo focalizaremos as zonas dialetais paulista e mineira, que contemplam as cidades de Uberlândia e Juiz de Fora, respectivamente. Sobre essas duas zonas dialetais, Martins aponta que há características marcantes tanto em uma quanto em outra: no falar paulista, o uso do retroflexo em posição de coda silábica (o “r caipira” de co/R/da) já é uma marca consagrada dessa região, e nossa pesquisa demonstra resultados semelhantes; já no falar mineiro, há uma redução constante dos ditongos [ay], [ey] e [ow] não-finais (caixa, peixe, pouco).

Não foram encontradas informações a respeito do /R/ em posição de coda silábica para o falar mineiro, razão esta que nos motivou ainda mais a realizar uma pesquisa comparativa entre os dois dialetos. Além disso, os estudos provenientes do ALEMIG têm maior enfoque no nível lexical, apesar de haver pesquisas em todos os níveis da língua.

3 Material e métodos de pesquisa

Para a execução deste trabalho, realizamos pesquisa bibliográfica específica nas áreas de variação linguística, fonética e fonologia do português brasileiro, fonética e fonologia do Estado de Minas Gerais e processos fonológicos segmentais, também conhecidos como metaplasmos. Tais pesquisas nos auxiliaram na realização da etapa seguinte, a pesquisa de campo com jovens das cidades de Uberlândia e de Juiz de Fora.

Devido à pesquisa envolver seres humanos, o projeto inserido na Plataforma Brasil com registro CAAE número 71113317.0.0000.5152 passou pelas fases de submissão, apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU.

As pesquisas de campo citadas acima foram realizadas com jovens do seguinte perfil: faixa etária de 18 a 25 anos, com grau de escolaridade ensino superior incompleto e/ou completo. Foram entrevistados 5 homens e 3 mulheres em Uberlândia, além de 3 homens e 7 mulheres em Juiz de Fora, totalizando 18 informantes. A princípio, propôs-se entrevistar 20 informantes no total, sendo 5 homens e 5 mulheres de cada cidade; entretanto, devido a algumas dificuldades relacionadas à busca de

voluntários, a quantidade de informantes diminuiu, e a distribuição por sexo foi alterada. Convém lembrar, no entanto, que isso não acarretou problemas para a análise, já que a variável sexo não foi considerada para esta pesquisa. As variáveis extralinguísticas consideradas aqui são a faixa etária e a cidade em que tais informantes residem. Cada um desses voluntários foi nascido e criado nas respectivas cidades, e as entrevistas ocorreram nos mesmos municípios, Uberlândia e Juiz de Fora, ambos do Estado de Minas Gerais. Os participantes foram abordados na própria universidade e foram solicitados a realizar uma entrevista sobre assuntos do cotidiano familiar e acadêmico. Após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a gravação e sua utilização nesta pesquisa, foi realizada a entrevista.

Utilizamos um gravador de voz para coletar os dados, com base em uma entrevista informal, guiada por um roteiro de perguntas sobre assuntos de interesse jovem, tais como: música, literatura (artes em geral), faculdade, férias, viagens, dentre outros.

As entrevistas realizadas com nossos informantes os incentivavam a narrar experiências de suas vidas em diferentes âmbitos e períodos, como brincadeiras da infância, dificuldades encontradas ao longo do período escolar, dentre outras. De acordo com os estudos de Cezario e Votre (2013) e da teoria de Tarallo (2005) sobre a pesquisa sociolinguística, as narrativas são o gênero oral mais adequado para se analisar a fala e chegar ao vernáculo, pois “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”. (TARALLO, 2005, p. 23).

Os temas foram selecionados propositalmente para que os entrevistados se sentissem confortáveis no momento da entrevista, conseqüentemente, não havendo interferência na coleta dos dados (falas). Para a gravação das entrevistas, os informantes foram direcionados a uma sala livre de ruídos (em seu local de trabalho ou residência, por exemplo, sendo combinado previamente com os voluntários). As gravações duraram em média 40 minutos para cada participante.

Em seguida, foi feito um trabalho de transcrição fonética das palavras que envolvem os processos de apócope, síncope e retroflexão, todos relacionados à pronúncia ou ao apagamento do arquifonema /R/ em posição de coda; em seguida, analisamos as particularidades da fala dos indivíduos de cada região, levando em consideração os processos

supracitados. A análise foi produzida de modo quantitativo, verificando a frequência em que as variantes ocorrem; e de modo qualitativo, tomando como base as teorias citadas acima e os estudos já feitos, presentes no Atlas Linguístico de Minas Gerais. Os resultados serão discutidos na seção 5, separados a cada processo fonológico: primeiramente, trataremos dos resultados para a Apócope; posteriormente, para os alofones de /R/ em coda silábica medial e final; por último, trataremos da Síncope no conectivo “porque”, e encerraremos o artigo com as considerações finais sobre todos os processos.

4 Processos fonológicos

Em primeiro lugar, é necessário compreender o que é, de fato, um processo fonológico. Conforme Cagliari (2002, p. 99) explica, são as alterações sonoras ocorridas na realização de determinados fonemas de acordo com sua posição no morfema, e é também chamado de metaplasmo por alguns autores. Para Gomes e Gomes (2007, p. 3), os metaplasmos representam alterações fonéticas decorrentes da evolução das línguas, visto que cada geração apresenta novas transformações, que atendem às necessidades da época e são feitas de modo inconsciente.

Os processos fonológicos são divididos, a priori, pelos aspectos segmentais e suprasegmentais dos sons. Segundo Silva (2011, p. 77), os aspectos suprasegmentais tratam do ritmo e da entoação (tom) da palavra; já os aspectos segmentais estão relacionados com os segmentos (consoantes e vogais) da palavra. Os processos fonológicos segmentais tratam da diversidade de alterações na pronúncia das palavras, podendo ocorrer processos de adição, apagamento, transposição ou substituição de segmentos. Ademais, esses processos podem ser analisados tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico da língua, observando quais foram as alterações ocorridas em determinados períodos da história. Portanto, é dos processos segmentais de apócope, síncope e retroflexão que tratamos neste trabalho, partindo do ponto de vista sincrônico da língua, visto que a principal variável sociolinguística considerada nesta pesquisa é a localização geográfica.

Em primeiro lugar, temos a apócope, que é o processo de apagamento do segmento final de uma palavra, como em *mar* [maØ] ou *jogar* [ʒogaØ]. Conforme Silva (2011, p. 82), esse processo tem ocorrido durante vários períodos da história, como ocorreu com “freire”,

que perdeu seus dois últimos segmentos na fala, passando para “frei”. Além do autor citado, vários outros têm estudado a apócope de forma diacrônica ou sincrônica, como Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2011) que estudam o fenômeno da apócope do arquifonema /R/ na cidade Campos Gerais (PR), e Lima (2016) que analisa a apócope de /R/, /S/ e /N/ na região brasiliense-goiana. Em ambos os estudos foi constatado que o apagamento é um processo cada vez mais recorrente no português brasileiro (doravante PB).

Em segundo, temos a síncope, que é o processo de apagamento de segmento medial de uma palavra. É um processo muito comum no PB quando se trata da transformação de proparoxítonas em paroxítonas, como nas palavras *abóbora* → *abóbora* e *xícara* → *xícra*. De acordo com Pereira e Albuquerque (2015, p. 38), a síncope é um modo que o falante do português não-padrão tem de facilitar a linguagem, no entanto, é um processo fonológico carregado de preconceito linguístico, por ser mais recorrente com cidadãos de baixo nível socioeconômico. A síncope nas proparoxítonas é, portanto, uma variante estigmatizada, e este estigma vem, claramente, por conta da crença no purismo da língua e da falta de informação sobre o caráter variável de todas as línguas. Neste artigo, entretanto, tratamos do fenômeno da síncope em um contexto diferente: no conectivo *porque*, uma palavra oxítona.

Por último, temos o processo de retroflexão, que consiste na transformação de um segmento fricativo ou vibrante em um segmento retroflexo, como o [ɻ], também conhecido como “r caipira”. Tal variante também é vista de forma estigmatizada, como apontam Silva (2016), Amaral (1982) e Leite (2015). Este último realizou um estudo com cidadãos de Campinas-SP e constatou que o uso do retroflexo é majoritário, porém, é “renegado” pela maioria da população campineira. Segundo os entrevistados, o “r” utilizado por eles seria um intermediário entre o “r caipira” do interior paulista e o “r paulistano” (ou vibrante simples). No entanto, o estudo de Leite comprovou que isto não passa de uma crença popular como uma maneira de evitar o preconceito com a variante estigmatizada. Por fim, neste artigo, traçamos o comparativo entre o uso do retroflexo e da fricativa glotal nas cidades de Juiz de Fora e Uberlândia.

5 Resultados

5.1 Apagamento de /R/ de verbos em coda final

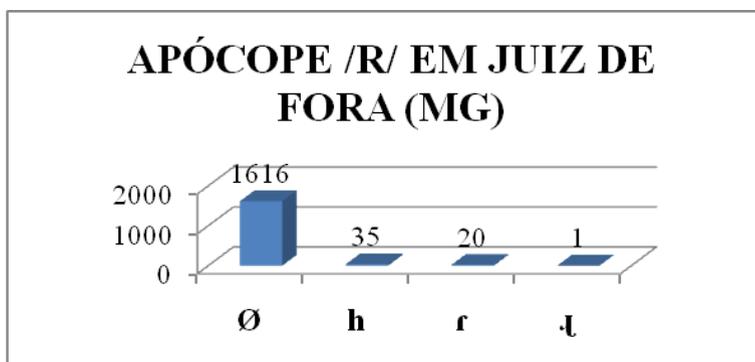
Como já dito, a apócope é um processo recorrente no português brasileiro, e prova disso são as diversas pesquisas que tratam do apagamento em várias regiões do país, principalmente quando se trata do /R/ em coda silábica. Monaretto (2002) analisou diacronicamente o apagamento do arquifonema /R/ em posição de coda na cidade de Porto Alegre. Segundo a autora, a aplicação da regra do apagamento está condicionada à posição em que o segmento ocupa na palavra, sendo muito mais comum o apagamento em coda final do que em coda medial. Entre os anos 70 e fim dos anos 90, constatou-se que, quanto aos verbos, o uso da vibrante anterior diminuiu, enquanto o apagamento em contexto pós-vocálico final aumentou; já em relação aos nomes com esse mesmo contexto, o tepe ainda é a variante que predomina na região.

Outra contribuição de grande importância para o estudo do apagamento do /R/ é de Silva (2016), que analisou a variação fonético-fonológica de nomes e verbos em coda final e medial na cidade de Uberlândia (MG). O estudo desse autor se realizou com base em variáveis independentes, que são grupos de fatores que atuam sobre a variável dependente, e são de natureza linguística ou extralinguística. Nesse trabalho, procura descrever e sistematizar as variantes do /r/ em posição de coda silábica no falar dos uberlandenses. De maneira sucinta, descobriu-se que o apagamento do /R/ em coda final para verbos é muito mais frequente do que o uso do retroflexo no mesmo contexto: apenas 5% dos verbos apresentaram realização retroflexa em coda final, enquanto os outros 95% corresponderam ao apagamento. Logo, concluiu-se que os verbos são um item favorecedor do processo de apócope.¹

¹ Sobre o apagamento, Callou e Brandão (2016, p. 108-111) apontam que esse é um processo já antigo no português brasileiro. As autoras retomam dados do projeto NURC, das décadas de 1970 e 1990, e do projeto PEUL, da década de 1980 e do ano 2000, que demonstram mais de 60% de ocorrências de apócope do /R/ em verbos em todos os períodos citados nos dois estudos. Esse apagamento se mostra favorável não somente no fator morfológico (classe gramatical), como também nos fatores sociais, como faixa etária e nível de escolaridade.

Quanto a esta pesquisa, analisamos o apagamento do arquifonema /R/ em coda final de verbos com os contextos seguintes: intervocabular com início em vogal; intervocabular com início em consoante (surda ou sonora), pausa ou fim de frase. Como resultado geral para a cidade de Juiz de Fora, contendo 10 informantes, obtivemos 1.672 ocorrências de verbos, dos quais 96,6% apresentaram apagamento, 2,09% apresentaram o uso das fricativas glotais surda [h] e sonora [ɦ], 1,19% apresentaram pronúncia da vibrante anterior (tepe [r]) e 0,12% apresentou o uso do retroflexo [ɻ] em coda final, conforme Gráfico 1 abaixo.

GRÁFICO 1 – Processo de apócope em verbos em coda final, para a cidade de Juiz de Fora, em número de ocorrências



Como visto, a apócope teve ocorrência majoritária, os verbos estando no modo infinitivo, no modo subjuntivo ou no presente do indicativo. Os contextos que favoreceram o apagamento foram diversos: intervocabular com início em consoante (como em “ficaØ#perto”); intervocabular com início em vogal (fazeØ#o#que); fim total de frase (esperaØ). Esse resultado é semelhante ao que foi encontrado por Silva (2016), que verificou o apagamento em coda final em 95% dos verbos realizados pelos informantes, seguindo os mesmos contextos verificados nesta pesquisa.

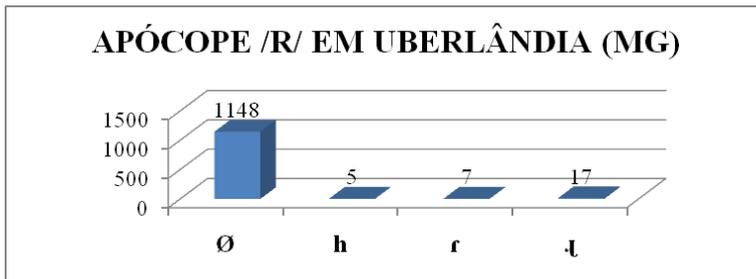
É importante ressaltar que tais dados foram coletados em 10 entrevistas predominantemente informais, mas não impedem que os informantes se sintam levemente preocupados com a própria fala, em breves momentos. Um exemplo disso é o fato da fricativa glotal ter sido utilizada com intuito de ênfase dada pelo contexto da conversa. Quando

os informantes foram perguntados se gostariam de se *casar* e de *ter* filhos, a ênfase dada ao verbo “ter” foi recorrente (logo, houve o uso da fricativa glotal) para indicar que não desejavam ou não tinham certeza do desejo de ter filhos.

Já as 20 ocorrências do tepe foram integralmente condicionadas pelo contexto intervocabular, com início da palavra seguinte em vogal, ou simplesmente *#V*. Este tipo de ocorrência já era tido como padrão no português brasileiro, seja para verbos, seja para nomes ou conectivos, mas tem-se verificado que o enfraquecimento do tepe para o apagamento se torna cada vez mais comum em verbos.

Agora, comparemos com as realizações de /R/ em verbos em coda final para os jovens da cidade de Uberlândia.

GRÁFICO 2 – Processo de apócope em verbos em coda final, para a cidade de Uberlândia, em número de ocorrências



Das 1.177 ocorrências de verbos em coda final para a cidade de Uberlândia, 97,53% apresentaram apagamento; 1,44% apresentaram o uso do retroflexo [ɻ]; 0,59% representa o uso do tepe [r] e apenas 0,44% representa o uso das fricativas glotais [h]/[ɦ]. Apesar de Uberlândia ter contado apenas oito informantes, enquanto em Juiz de Fora há dez, a média por informante de realização de verbos em coda final nas duas cidades é bem semelhante: 167,2 verbos em Juiz de Fora e 147,1 para Uberlândia, o que pode neutralizar a diferença do número de entrevistados.

Os contextos que favoreceram a apócope nos verbos em Uberlândia foram os mesmos verificados em Juiz de Fora: intervocabular com início em consoante (como em “queØ#te”); intervocabular com início em vogal (teØ#uma); fim total de frase (frequentaØ). Já em relação ao tepe, os 7 verbos produzidos com essa variante apresentaram

o contexto intervocabular com início em vogal, assim como constatado em Juiz de Fora. Quanto à fricativa glotal e ao retroflexo, o segundo se sobressai ao primeiro em quantidade, ainda que ambos tenham ocorrido nos mesmos contextos, precedendo consoantes da palavra seguinte ou em final de frase. Isto se deve ao fato de que o retroflexo é, em Uberlândia, o alofone predominante para o arquifonema /R/ em coda silábica, como comprovam os estudos de Silva (2016) sobre o tema.

É interessante se pensar a respeito de qual(is) razão(ões) desencadearia(m) o fenômeno da apócope no português brasileiro. Monaretto (2002) apresenta uma hipótese bastante coerente pois, segundo ela, o fenômeno do apagamento em verbos pode ter motivação morfológica.

A perda do r é mais comum em verbos. Provavelmente isso se deve ao fato de que o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português pela presença do r-final e pela tonicidade. Em não-verbos, por outro lado, o r-final, que não é um morfema por si só, é mais preservado (MONARETTO, 2002, p. 261).

A afirmação da autora nos parece válida, pois, levando em consideração suas próprias pesquisas sobre o apagamento na região de Porto Alegre, a classe gramatical a que determinadas palavras pertencem favorece o apagamento de /R/ ou o uso do tepe (como é o caso dos nomes).

Com base nos dados obtidos, é visível que o processo de apócope em verbos em coda final ocorre com a mesma frequência tanto em Juiz de Fora quanto em Uberlândia, e os contextos que favorecem esse apagamento são os mesmos. Para exemplificação, fizemos um quadro comparativo com verbos realizados em ambas as cidades e com os mesmos contextos.

TABELA 1 – Exemplos de verbos encontrados, comparando cidade x ambiente fonológico x alofone realizado para /R/

VERBOS COM /R/ EM CODA FINAL				
	Juiz de Fora		Uberlândia	
Contextos	Ø			
_#V	visualizar#a	escrever#um	ter#uma	fazer#o
	sobreviver#ai	falar#esse	cumprir#o	ter#ouvido
_#C	ficar#decorando	jogar#baralho	quer#te	conversar#sobre
	falar#mas	fazer#letras	rir#do	passar#no
_#	ver#	escrever#	aprender#	alcançar#
	ficar#	trabalhar#	chegar#	comer#
[h] e [ɦ]				
_#C	ler#livro	ser#mais	ver#tios	ir#ler
	gostar#de	ter#várias	-	-
_#	escrever#	ter#	concordar#	definir#
	gostar#	ser#	preocupar#	-
[r]				
_#V	dizer#assim	exaltar#os	ter#um	evitar#isso
	ser#homem	ter#um	discutir#entre	ler#um
[ɹ]				
_#	frequentar#	-	concluir#	ser#
	-	-	arcar#	ter#
_#C	-	-	ter#filhos	agregar#votos
	-	-	estar#meio	passar#do

Como se pode verificar, o mesmo contexto que favorece o uso do tepe [r] → (_#V), também favoreceu a apócope em 20 verbos em Juiz de Fora e 7 verbos em Uberlândia. Para tal fenômeno, a justificativa encontrada é a ênfase dada no contexto da conversação, mesmo motivo

que desencadeou o uso da fricativa glotal e do retroflexo no contexto _#C e em final de frase.

Passemos agora para a análise de nomes e conectivos com /R/ em posição de coda silábica.

5.2 Variação do /R/ em coda silábica: retroflexo e fricativa glotal

Nessa etapa, analisamos quais os possíveis alofones para o arquifonema /R/ em posição de coda medial e coda final, bem como os ambientes fonológicos favorecedores de cada alofone encontrado. A alofonia do /R/ varia entre o apagamento e a vibrante, um som do grupo das consoantes líquidas que “[o]corre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula pela corrente de ar” (BISOL, 2005, p. 217). A vibração da língua sob os alvéolos pode ser simples, resultando no tepe, bem como múltipla, resultando no que vários autores chamam de “r-forte”.

Há vários trabalhos que procuram definir os tipos de vibrantes existentes, e quais se enquadram no “r-forte” para o português brasileiro. Para Câmara Jr., há quatro realizações para o r forte, uma vibração múltipla ou uma vibração do dorso da língua ou uma tremulação da úvula ou uma forte fricção de ar na parte superior da faringe.² Segundo Bisol (2005), a utilização dessas modalidades articulatórias não altera a forma linguística. Haverá um só r-forte.

Câmara Jr. verificou na pesquisa mencionada que, em contexto pós-vocálico, a vibrante anterior está sendo substituída pela vibrante posterior, que corresponde à vibração da raiz da língua próximo à úvula. Lopez (1979), em sua tese “The Sound Pattern of Brazilian Portuguese”, também observou o fenômeno na variedade carioca do português, em que a fricativa velar [x] é realizada em posição de final de sílaba. Para Angenot e Vandresen (1981, *apud* VEGINI, 2007, p. 5), as realizações fonéticas do r-forte para o arquifonema /R/ variam entre a vibrante múltipla [r], as fricativas glotais [h/ɦ], as fricativas velares [x] e [χ], a vibrante uvular [ʀ], as fricativas uvulares [χ] e [ʁ] e o flepe retroflexo

² De acordo com Câmara Jr. (2004, p. 27), o fonema /r/ forte tem oposição ao fonema /r/ brando (que possui uma única vibração da ponta da língua e ocorre em posição intervocálica), pois têm a característica de distinguir palavras na língua, como em “erra/era”, “carro/caro”.

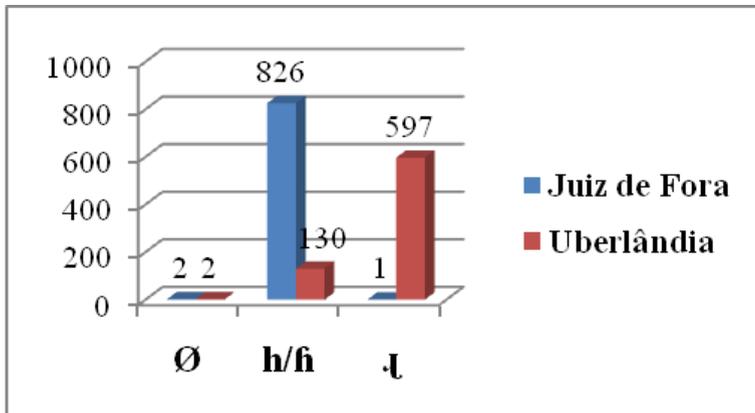
[ɾ], todos sendo parte de um fenômeno de variação significativo, tanto dialetal quando idioletal (individual).

5.2.1 Nomes em coda medial e final

Para este trabalho, atentamo-nos primeiro à alofonia de /R/ em nomes em coda medial. Na cidade de Juiz de Fora, obtivemos a realização das fricativas glotais [h/ɦ] em praticamente 100% dos nomes pronunciados, tendo apenas 2 casos de apagamento e 1 caso de retroflexão. Já na cidade de Uberlândia, os resultados variaram entre a fricativa glotal e o retroflexo, sendo este o alofone com maior porcentagem de ocorrências: 81,89% de [ɾ], 17,83% de [h] e [ɦ], 0,2% de Ø. Pode-se concluir que em Uberlândia a variante retroflexa é majoritária em contexto de coda silábica medial, ainda que haja uma pequena porcentagem de realizações com fricativas glotais.

Novamente, os resultados vão ao encontro dos resultados do EALMG (ZÁGARI, 1998, p. 50) e de Silva (2016, p. 67), que também apontou como retroflexa a variante mais utilizada na cidade de Uberlândia. Verificou também pequenas realizações de fricativa glotal por parte dos informantes do sexo feminino, em grande maioria, com mais de 11 anos de estudo (o que se assemelha ao *corpus* desta pesquisa). Quanto à nossa pesquisa, o número de ocorrências de cada variante encontrada pode ser consultado no Gráfico 3 abaixo.

GRÁFICO 3 – Alofones de /R/ em coda **medial**, para nomes, por número de ocorrências



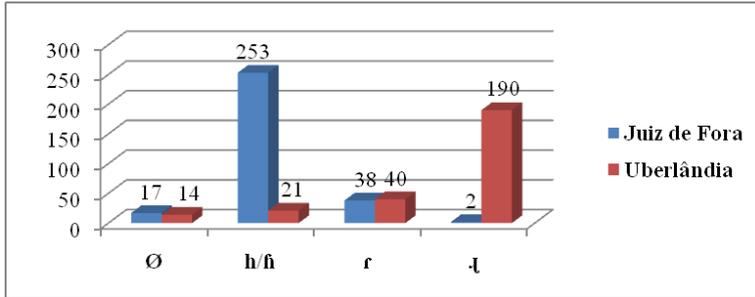
Para exemplificação, elaboramos a Tabela 2, que traz algumas palavras realizadas pelos informantes de ambas as localidades.

TABELA 2 – Exemplos de nomes com /R/ em coda medial, entre Juiz de Fora e Uberlândia

Alofones /R/	Juiz de Fora	Uberlândia
Ø	univeøsitária	cuøso
[h/ɦ]	perto; cursinho; maternal; internacional; parte; irmão; dramaturgo; marmelos.	-
[ɹ]	pergunta	perto; cursinho; transporte; interpessoais; catorze; certas; nervoso; excursão.

Como visto no Gráfico 3, o apagamento em coda medial foi um caso de exceção para ambas as cidades, tendo apenas 2 ocorrências em cada uma. A justificativa mais plausível para tal fenômeno é uma particularidade do idioleto desses informantes, já que apenas 1 de cada cidade apresentou esse tipo de pronúncia. Portanto, a fricativa glotal e o retroflexo em coda medial são um fato consumado nas cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, respectivamente.

Em relação aos nomes com /R/ em coda **final**, encontramos as fricativas glotais como maioria para a cidade de Juiz de Fora e o retroflexo para a cidade de Uberlândia. Na primeira cidade, os informantes apresentaram 81,61% de realizações de [h] e [ɦ]; 5,48% referem-se ao apagamento; 12,25% representam o tepe [ɹ] e 0,66% representam ocorrência de retroflexo [ɹ]. Na segunda cidade, novamente o retroflexo representou maioria (71,69%); 15,11% de ocorrência para o tepe, 5,28% para o apagamento e 7,92% para as fricativas glotais, como aponta o Gráfico 4 abaixo.

GRÁFICO 4 – Alofones de /R/ em coda **final**, para nomes, por número de ocorrências

Para melhor compreensão dos contextos encontrados para cada variante, listamos na Tabela 3 alguns exemplos de palavras retiradas das entrevistas com os informantes.

TABELA 3 – Exemplos de nomes com /R/ em coda **final**, entre Juiz de Fora e Uberlândia

Alofones	Juiz de Fora	Uberlândia	Contextos
Ø	particulaø#; professorø#; corredoø#	qualqueø; amoø	_#
	maioØ#desafio; lugaØ#lá	maioø#problema; professoØ#de	_#C
[h/fi]	melhor#; maior#; particular#; celular#; computador#; leitor#.	terror#; professor#	_#
	celular#dele; super#fácil; calor#mesmo; poder#mágico; vestibular#foi	interior#com; humor#pra; super#bonder	_#C
[r]	amor#assim; melhor#ainda; super#estranha; lugar#e; super#herói	ser#humano; celular#as; maior#a; vestibular#eu; terror#e	_#V
[ɹ]	melhor#	Junior#; melhor#; ator#; particular#; patamar#; vestibular#	_#
	-	popular#na; lugar#que; autor#magnífico; desesperador#se; valor#na; lugar#pra	_#C

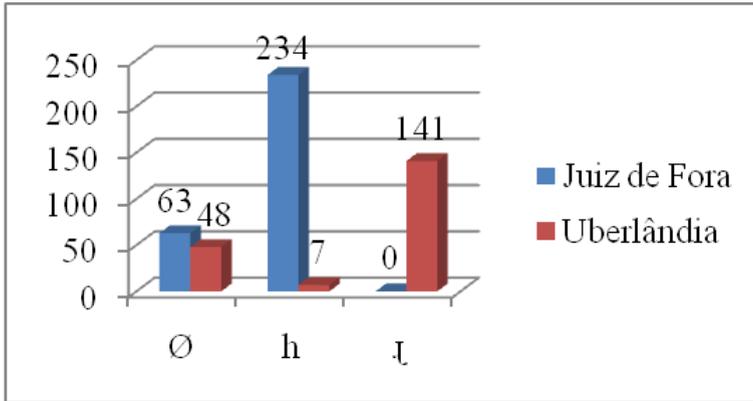
As fricativas glotais e o retroflexo foram realizados seguindo os mesmos contextos: fim de frase e intervocabular com início em consoante da palavra seguinte. No entanto, nos mesmos contextos foram verificadas algumas ocorrências de apócope (17 em Juiz de Fora e 14 em Uberlândia). Nomes como *amor*, *maior*, *professor*, *corredor*, *particular* e *qualquer* também apresentaram apagamento, ainda que a maioria deles tenha sido pronunciada com [h] ou [ɹ]. Todas essas palavras, porém, têm algo em comum: são oxítonas. Por outro lado, a paroxítona *super* foi realizada com [h] ou [ɹ] quando seguida de consoante no vocábulo seguinte. Ainda que cada palavra tenha um número distinto de sílabas, pudemos verificar que a tonicidade presente na sílaba que contém o /R/ pode favorecer o apagamento, seja em final de frase, seja acompanhado por uma consoante surda ou sonora no vocábulo seguinte.

Quanto à ocorrência do tepe [r], o único contexto que o favoreceu foi o intervocabular com início em vogal, fenômeno pertencente ao português brasileiro. Conforme Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 122), o tepe (ou r-fraco) é um padrão fonológico no português brasileiro apenas em posição intervocálica no interior de uma palavra, como em /'karo/, ou em um encontro consonantal, como é o caso de /trato/. Analisando de modo prático, o “r” em contexto intervocabular com início em vogal encontra-se na posição intervocálica, se considerarmos que o ritmo da fala de um grupo vocabular como “super amigos” é, na prática, pronunciado como um só vocábulo: [su.pe.ra.'mi.gos]. Isto justificaria, portanto, a ocorrência tão frequente do tepe nesse mesmo contexto, no português brasileiro como um todo.

5.2.2 Conectivos em coda medial e final

Quanto aos conectivos em coda medial, Juiz de Fora apresentou 78,79% dos casos utilizando a variante [h], e 21,21% apresentou apagamento. Resultado similar apresentou a cidade de Uberlândia, em que 71,93% dos conectivos foram realizados com a variante retroflexa [ɹ], 24,48% apresentou apagamento e apenas 3,59% apresentou a variante fricativa glotal surda [h], como mostra o Gráfico 5.

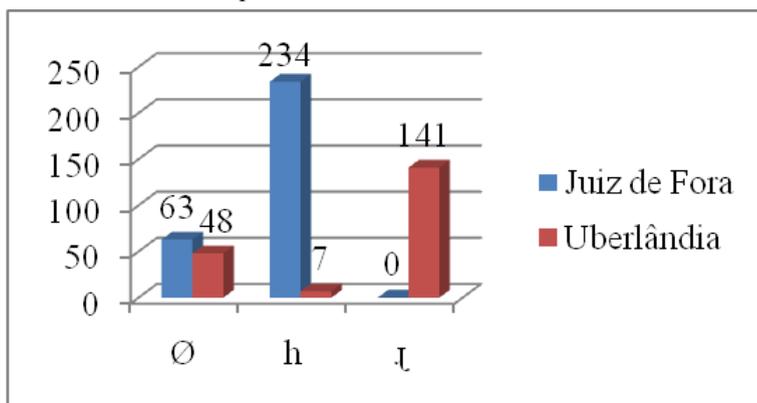
GRÁFICO 5 – Alofones de /R/ em coda **medial**, para conectivos, por número de ocorrências



Por possuírem o mesmo ambiente fonológico que os nomes analisados na seção anterior, já se esperava que os conectivos apresentassem dados muito parecidos: a fricativa glotal surda e o retroflexo são maioria para as cidades de Juiz de Fora e Uberlândia, respectivamente. No entanto, esta análise trouxe um resultado curioso: o número de conectivos que apresenta apagamento em coda medial é relativamente maior do que os nomes que apresentam o mesmo fenômeno. A média do apagamento de /R/ em nomes (coda medial) nas duas cidades é de apenas 2 ocorrências, enquanto a média de conectivos apresentados no mesmo contexto é de 55 ocorrências. Esses resultados serão discutidos separadamente na seção 5.3 deste artigo, em que tratamos do processo de *síncope*.

Quanto aos conectivos com /R/ em coda final, Juiz de Fora apresentou as seguintes variantes: 48,7% correspondem às fricativas glotais, 49,35% correspondem ao tepe e apenas 1,95% apresentou apagamento nessa posição. Em Uberlândia, os resultados foram similares, seguindo o padrão de retroflexão já visualizado ao longo da pesquisa: 56,7% correspondem ao alofone retroflexo, 31,49% correspondem ao tepe, 6,29% apresentou a fricativa glotal surda e 5,53% correspondeu ao apagamento. Abaixo, está o Gráfico 6 com o número de ocorrências para cada variante.

GRÁFICO 6 – Alofones de /R/ em coda final, para conectivos, por número de ocorrências



Para visualizar melhor os contextos encontrados para cada variante, listamos na Tabela 4 alguns conectivos retirados das entrevistas com os informantes.

TABELA 4 – Exemplos de conectivos com /R/ em coda final, entre Juiz de Fora e Uberlândia

Alofones	Juiz de Fora	Uberlândia	Contextos
Ø	poØ#causa	poØ#causa	_#C
[h]	por#causa	por#conta	_#C
[r]	por#exemplo; por#enquanto	por#exemplo; por#isso	_#V
[ɻ]	-	por#causa; por#mês	_#C
	-	por#envolver	_#V

Os conectivos seguiram a mesma lógica dos nomes: em contexto intervocabular com início em consoante, as variantes utilizadas foram a fricativa glotal e o retroflexo, enquanto no contexto intervocabular com início em vogal, a variante utilizada pelas duas cidades foi o tepe. O apagamento teve ocorrências bem menores (10 ao todo) se compararmos com o número de conectivos que sofreram síncope do /R/ em coda medial (111 ao todo).

Lima (2016) analisou o apagamento de /R/ em coda silábica na região brasiliense-goiana, e trouxe como exemplo a expressão “por nada”. Segundo o autor, uma hipótese para a ocorrência da apócope na preposição “por” “é o fato de a expressão por nada ter sofrido um processo de formação de compostos transformando-se em algo análogo a uma lexia, ou seja, os falantes a interpretam, praticamente, como uma palavra só, como um composto cristalizado” (LIMA, 2016, p. 45). Logicamente, seguindo esse mesmo contexto intervocabular com início em consoante, expressões conectivas como *por conta* e *por causa* teriam a mesma motivação, ainda que o número de ocorrências de apócope, nesse caso, tenha sido pequeno. De todo modo, o uso da fricativa glotal em coda final foi majoritário para Juiz de Fora, e retroflexo para os informantes da cidade de Uberlândia.

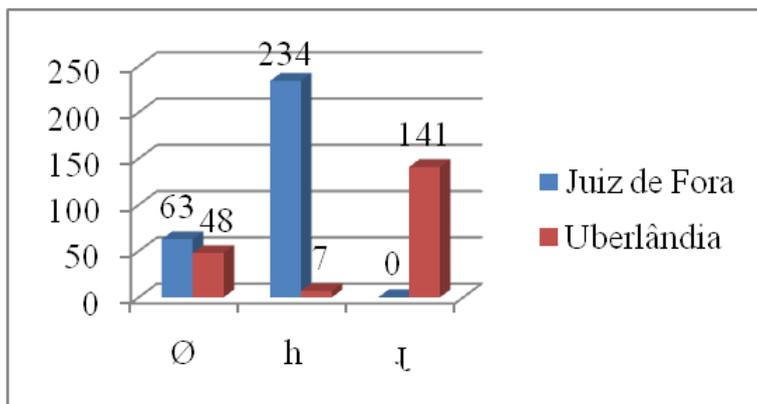
Para tratar do apagamento ocorrido no conectivo “porque”, façamos uma breve análise na seção seguinte.

5.3 Síncope no conectivo “porque”

Como já mencionado na seção 4 deste artigo, a síncope é um processo fonológico (ou metaplasmo) que consiste no apagamento de segmentos vocálicos e/ou consonantais no meio de uma palavra. É um fenômeno muito visível durante todo o processo de surgimento do latim para o português e, tomando a língua como um organismo vivo, tal processo tende a se suceder constantemente, assim como vários outros. Os casos mais comuns são as proparoxítonas que, sincopadas, transformam-se em paroxítonas na língua falada, como no caso de *árvore* → *arvre*. Entretanto, a síncope aqui registrada nesta pesquisa ocorreu em um contexto incomum: em uma palavra oxítone (porque).

Dizemos incomum porque suas incidências ainda têm pequena quantidade, se compararmos com o processo de retroflexão (po[ɽ]que) ou com outros alofones (po[x]que, po[χ]que, po[r]que, po[h]que, dentre outros no PB). A realização fonética encontrada, nesse caso, foi [p'ke], ou seja, há a síncope de dois fonemas: /o/ e /R/, uma vogal e uma consoante. Comparando o número de ocorrências do apagamento com as variantes glotal [h] e retroflexa [ɽ] encontradas nesta pesquisa, temos o seguinte resultado.

GRÁFICO 7 – Alofonia de /R/ em coda medial para o conectivo PORQUE (Juiz de Fora e Uberlândia)



Percebe-se, portanto, que a síncope esteve presente em 22,5% das incidências do conectivo “porque”, contra 77,5% de ocorrências da fricativa glotal e do retroflexo. Silva (2016), ao longo de sua análise do /R/ em coda silábica, verificou alguns casos de apagamento no mesmo conectivo, entretanto, seus informantes apagaram apenas o /R/, diferentemente dos informantes desta análise, que também apagaram a vogal /o/. Segundo a análise do autor, cerca de 12% dos não-verbos (nomes e conectivos) sofreram apagamento tanto em coda final quanto coda medial, o que se assemelha aos resultados desta pesquisa.

Nossa primeira hipótese era de que a presença da vogal no início da palavra seguinte ao conectivo favorecesse a ocorrência da síncope; no entanto, tal hipótese foi negada, já que o processo ocorreu seguido tanto por consoantes quanto por vogais. A segunda hipótese é de que a velocidade e o ritmo da fala de cada informante favoreceriam a síncope do conectivo. Analisando (em segundos) a média de velocidade da pronúncia do “porque” em informantes das duas cidades, obtivemos o seguinte resultado (TABELA 5).

TABELA 5 – Tempo Médio (s) da pronúncia de “porque” ao preceder vogais ou consoante

	Juiz de Fora	Uberlândia
/pØØ'ke/	0,2021	0,1555
/poR'ke/	0,3916	0,3108

O conectivo seguiu um padrão de realização na fala: foi acompanhado sempre por monossílabos ou dissílabos ao longo da entrevista, como se pode verificar na Tabela 6.

TABELA 6 – Exemplos de conectivos em coda medial (Juiz de Fora e Uberlândia)

Alofones /R/	Juiz de Fora	Uberlândia
Ø	pøque#eu; pøque#minha	pøque#eu; pøque#né
[h/fi]	porque#eu; porque#foi	
[ɹ]		porque#eu; porque#foi

Logo, não podemos dizer que a extensão da palavra seguinte favorece a síncope em “porque”. Por outro lado, se levarmos em consideração que o ritmo de fala na região é ligeiramente distinto em relação a outros Estados – e Zágari (1998, p. 51) já afirmara que essa é uma característica bastante visível no falar paulista –, parece-nos coerente afirmar que a velocidade da fala dos informantes favorece a ocorrência da síncope no conectivo “porque”. Entretanto, esse fenômeno carece de uma análise mais aprofundada e minuciosa, levando em conta os aspectos prosódicos da fala.

6 Considerações finais

De modo geral, podemos concluir que Juiz de Fora e Uberlândia apresentam mais semelhanças do que diferenças na fala, apesar de o EALMG apontar que as cidades se encontram em zonas dialetais (falares) diferentes. É inegável que o uso da fricativa glotal é um fato consumado na cidade de Juiz de Fora (pelo menos para os jovens universitários), assim como o retroflexo corresponde à principal variante de /R/ em coda silábica realizada em Uberlândia, como Zágari (1977) e Martins (2006) apontam no Atlas Linguístico de Minas Gerais. Entretanto, a apócope de /R/ em verbos obteve praticamente o mesmo resultado em ambas as cidades, em termos quantitativos, e ocorreram em contextos iguais entre si: no fim de frase, ou sendo precedido por vogal ou precedido por consoante.

Tais resultados relacionados à apócope de /R/ em verbos complementam diversas outras pesquisas sobre esse processo em várias regiões do Brasil, como citamos Monaretto (2002), em Porto Alegre; Silva

(2016), em Uberlândia; Lima (2016), em Brasília e Luziânia; Ribeiro *et al.* (2011), no Paraná, dentre outros igualmente importantes para as pesquisas sobre variação em nível fonético-fonológico.

Quanto à síncope, considera-se que o apagamento de /o/ e /R/ em “porque” pode representar um processo de mudança linguística futura. Caberá concluir ou negar isso a futuras pesquisas encarregadas de analisar a síncope nos conectivos, com o passar dos anos. Ademais, é um fato que merece ser estudado do ponto de vista prosódico, se levarmos em consideração a hipótese de que a velocidade da fala é mesmo favorecedora da síncope em “porque”.

Quanto ao processo de retroflexão, este parece ter perdido o status de variante estigmatizada na cidade de Uberlândia, não só por representar a variante majoritária para o /R/, como também pelo fato de o *corpus* desta pesquisa ser de jovens universitários, ou seja, de diferentes classes socioeconômicas. Em contrapartida, Leite (2004) havia verificado que na cidade de Campinas (SP) o retroflexo ainda era visto de forma preconceituosa pelos seus próprios falantes. Enquanto de um lado, o preconceito linguístico ainda é recorrente, de outro lado (Uberlândia), mostra uma redução gradual, e isso é, sem dúvidas, uma boa notícia.

Por fim, vale ressaltar novamente que nosso *corpus* se constituiu por jovens com ensino superior completo ou incompleto, com faixa etária de 18 a 25 anos. É um recorte muito específico, necessário para esta pesquisa, mas que merece ser ampliado para outras faixas etárias e níveis de escolaridade se quisermos uma análise ainda mais apurada sobre os falares paulista e mineiro do Estado de Minas Gerais, bem como verificar processos de variação e mudança linguística a longo prazo.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pela bolsa de iniciação científica, que foi de grande importância para a realização deste trabalho.

Contribuição das autoras

A pesquisa apresentada é fruto de trabalho final de Iniciação Científica desenvolvida no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Amanda Brilhante de Carvalho traz para o artigo a leitura e interpretação dos fatos linguísticos, a organização do texto com relação à

pesquisa bibliográfica, a busca dos dados em pesquisa de campo realizada nas cidades de Uberlândia e de Juiz de Fora e contribuição para a análise dos dados. Marlúcia Maria Alves é a professora orientadora desse trabalho. Traz para o texto a indicação de obras teóricas relacionadas ao tema estudado, a organização dos aspectos trabalhados, sugestão e contribuição quanto aos aspectos a serem analisados e a revisão final do texto. O trabalho foi desenvolvido ao longo de doze meses com muita parceria.

Referências

ALVES, M. M. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da teoria da otimalidade*. 2008. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

ANGENOT, J. P.; VANDRESEN, P. The Portuguese R's Revisited. In: *Studies in Pure Natural Phonology and Related Topics*. Florianópolis: UFSC, 1981. (Working Papers in Linguistics)

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D. I.; BRANDÃO, S. F. Caracterização de Áreas Dialectais no Português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JUNIOR, L. A. de; MARTINS, M. A. (org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 97-122. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580391824-05>

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMARA JR., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 141-153.
- GOMES, M. J. T.; GOMES, S. E. S. *Metaplasmos por aumento na fala de paraguaios residentes no Matogrosso do Sul*. In: CELLMS, 5., 2010, Jardim. *Anais [...]*. Jardim: Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul, 2010.
- LEITE, Y. Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador. *D.E.L.T.A.*, v. 20, n. especial, p. 9-31, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502004000300004>
- LEITE, C. M. B. Estudo da variação linguística dos róticos no falar campineiro. *Alfa*, Araraquara, v. 59, n. 1, p. 129-155, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1502-6>
- LIMA, J. S. *Abordagem sociolinguística da apócope de /r/, /s/ e /n/ em contexto brasiliense-goiano*. 2016. 147f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2016.
- LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Los Angeles, CA, 1979.
- MARTINS, E. F. Atlas lingüístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança lingüística nas características fonéticas do português mineiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 1-13, 2006. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_7_atlas_linguistico_do_estado_de_minas_gerais.pdf. Acesso em: 21 mai. 2017.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck, 1926.
- MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-269.
- PEREIRA, F. F. L.; ALBUQUERQUE, T. S. C. Síncope e rotacismo: uma investigação de fenômenos linguísticos no falar de indivíduos de Patos de Minas e região. *Revista Crátilo*, Patos de Minas, v. 8, n. 1, p. 34-42, 2015.

RIBEIRO, V.; RIBEIRO, V. V.; LOREGIAN-PENKAL, L. Apócope do /r/ em graduados de uma cidade dos Campos Gerais, no Paraná: análise sociolinguística. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 33, n. 2, p. 283-298, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5212/Uniletras.v.33i2.0006>

SÁ, E. J. *Estudos de variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar*. São Paulo: Textonovo, 2007.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, F. M. Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa. *Littera Online*, São Luís, v. 2, n. 4, p. 72-88, 2011.

SILVA, G. A. *O/R/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia*. 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

VEGINI, V. As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonoestilístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 1-30, 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_as_realizacoes_dos_roticos.pdf. Acesso em: 4 ago. 2017.

ZÁGARI, M. R. L. *et al. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de minas gerais. In: AGUILERA, V. A. (org.). *A geografia lingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 45-69.